DAS ARTES E DA HISTÓRIA DA MADEIRA

Órgão e Propriedade da Sociedade de Concertos da Madeira

Comp. e imp.: Tip. Esperança — R. dos Ferreiros, 45 — Funchal

DIRECTOR E EDITOR: *Eng.º Luiz Peter Clode*

CHEFE DE REDACÇÃO: *José Ezequiel F. Veloza*

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: Avenida Arriaga, 13 — FUNCHAL

N.º 27 — ANO 1957

VOL. V — N.º 3

O NATAL MADEIRENSE

Num auto de Gil Vicente

Pelo Dr. Antonino Pestana

Para bem compreender-se a etnografia do Natal madeirense, vamos primeiramente fazer algumas considerações de carácter litúrgico, cotejando a liturgia popular, para assim verificarmos o que ambas têm de comum e aquilo em que diferem. Seguidamente, descreveremos o Advento e a Missa do Natal madeirenses, para concluirmos, graças à leitura do Auto Pastoril Castelhano de Gil Vicente, que o Natal madeirense é o Natal português dos séculos da nossa idade clássica.

A palavra *Natal* não significa apenas o nascimento de Jesus, o Messias prometido, mas também o conjunto das celebrações mais significativas, referente quer à longa expectativa do mundo antigo pela sua vinda, quer à sua infância. A primeira significação dá-nos a festa do Natal, ou o Natal no sentido restrito: a segunda dá-nos o Ciclo do Natal, ou o Natal no sentido lato.

Entrando de explicar o conteúdo do ciclo do Natal, vemos que:

A longa expectativa do mundo antigo pela vinda do Messias foi fixada pela liturgia da Igreja no chamado tempo do Advento, que abrange as quatro semanas anteriores ao dia 25 de Dezembro; portanto, 28 dias; os últimos 4 de Novembro e mais os primeiros 24 de Dezembro. E as celebrações litúrgicas, com que a Igreja principalmente recorda a infância de Jesus, são: a) — A Circuncisão, no dia 1 de Janeiro, oito dias depois do nascimento; b) — A Epifania, no dia 6 de Janeiro, ou seja no dia em que Jesus se revelou ao mundo inteiro, não só ao mundo judaico, mas também ao mundo pagão, representado pelos três reis magos; c) — A fuga para o Egipto, no dia 17 de Fevereiro. Na liturgia da Igreja, portanto, o ciclo do Natal vai desde o dia 27 de Novembro ao dia 17 de Fevereiro.

Cotejando este complexo litúrgico com o que se passa na liturgia popular, notamos que, de todas as celebrações da liturgia da Igreja, transitaram para a popular apenas o Advento, embora com conteúdo totalmente diferente, e o Natal pròpriamente dito. Neste encorpora-se a festa dos Reis Magos, visto como, quer na composição do presépio, quer na poética, quer na música, os coroados do Oriente são celebrados ao mesmo tempo que o Menino Jesus.

O Advento, com a significação própria de expectativa dolorosa e amargurada da Humanidade pela vinda do Messias, desapareceu da memória do povo. E assim tinha de ser; pois, com a vinda do Messias, a trágica ansiedade de séculos ficara satisfeita, para perdurar apenas nas páginas imortais da literatura do Antigo Testamento. Foi assunto que ficou arrumado nas gavetas da História. Os histo-

riadores da especialidade registam e notam a circunstância muito significativa de, com o nascimento de Jesus Cristo, não mais povo algum da terra, com excepção do povo judaico, ter produzido uma só página com a velhíssima esperança do Messias Redentor. É que, concluem lògicamente, o Messias Redentor era Jesus Cristo.

É pena não se ouvir, nesta altura, aquela paráfrase de Isaias «Rorate coeli» na linda melodia gregoriana do século XVII. Há na sua plangência lágrimas de arrependimento, de súplica e ansiedade.

«Não te ires, Senhor, não te lembres mais das nossas iniquidades. Vê: A cidade santa está deserta; Jerusalém devastada—ela, a casa da tua santidade e da tua glória, onde os nossos antepassados entoavam os teus louvores».

Esse Advento da liturgia da Igreja é substituido, na liturgia popular, por um outro advento; pelo tempo que vai do dia 16 ao dia 24 de Dezembro, durante o qual se celebram as nove missas do parto. E porquê assim?

No dia 17 de Dezembro, a Igreja celebra a Festa de Nossa Senhora do O, assim denominada em virtude de começarem pelo vocativo O as lindíssimas antifonas que se rezam nas chamadas «Vésperas», desde esse dia ao dia 24:

«Ó Sapientia, quae ex ore Altissimo prodiisti,
«Ó Adonai et dux domus Israel,
«Ó Radix Jesse, qui stas in signum populorum,
«Ó clavis David,
«Ó Oriens, splendor lucis aeternae,
«Ó rex Gentium,
«Ó Emmanuel, Rex et legifer noster.

A Igreja fixou na festa de Nossa Senhora do O a expectação da Virgem Santíssima pelo nascimento do seu divino Filho. Quer dizer: Nossa Senhora, no silêncio profundo do seu coração, desde que sentiu as primeiras vibrações íntimas da Maternidade, não só bendizia a Deus pelo privilégio único de que fora alvo, mas parecia repetir as vozes ansiosas dos séculos, quando estes pediam aos céus que chovesse o Justo. «Rorate coeli desuper et nubes pluant Justum». Porém, o povo, que assenta os seus raciocínios e deduções nas realidades concretas, tangíveis, arranjou outra explicação para a designação da referida festa mariana.

Como a rotundidade da letra O lembra o estado do ventre da mulher, nos últimos tempos da gravidez; e como a festa da Senhora do O se realiza mesmo à boca do Natal, apenas oito dias antes do dia 25 de Dezembro, o povo da nossa terra assentou em que nessa festa se celebrava a gravidez da Virgem Santíssima, mas gravidez manifesta, clara, visível aos olhos de toda a gente e da qual havia de sair o Messias, Jesus, o Redentor do Mundo.

Por isso, também, o povo criou—e a Igreja madeirense celebra—desde a véspera da festa da Senhora do O (dia 16 de Dezembro) até à véspera da Natal as nove missas-do-parto, em honra da Virgem, pelo parto divino que Ela há-de ter, dentro de pouco; e será pela mesma razão que as missas-do-parto se rezam às horas recolhidas de madrugada, por, de certo modo, se parecerem com aquela hora única em que o Deus Menino nasceu numa gruta de Belém.

As missas-do-parto da nossa terra, afinal, outra coisa não são do que as novenas do Menino Jesus, que em toda a parte se celebram, acrescentadas da missa, por vezes cantada, como as novenas; mas delas a sensibilidade popular abstrai a ideia do divino Nascituro, para concentrar-se apenas no culto à Santíssima Virgem, que é quem, ao tempo, está em causa.

Não se vá pensar que a interpretação popular de Nossa Senhora do O seja exclusiva da etnografia madeirense, pois já no século XVII, o Padre António Vieira, num dos seus sermões, conhecido mesmo pela designação de «Sermão de Nossa Senhora do O», dito numa das Igrejas da Baia, no ano de 1640, a adoptou.

Teria o Padre Vieira encontrado na tradição popular portuguesa do seu tempo a interpretação física da designação—Senhora do O? Será de desprezar a hipótese de que tal tradição houvesse sido levada para as terras de Santa Cruz pelas ondas de emigrantes madeirenses, cuja presença ainda hoje se verifica no linguajar crioulo do Brasil, no vocabulário, na evolução fonética e até, um pouco, na sintaxe? Ou tal interpretação seria produto da sua fertilíssima imaginação? De qualquer maneira, são suas as seguintes palavras, bem características do seu temperamento oratório: «O título da festa é a Expectação do Parto e desejos da mesma Senhora debaixo do nome do O. E porque o O é um círculo e o ventre virginal outro círculo, o que pretendo demonstrar em um-e outro é que assim como o círculo do ventre virginal na conceição do Verbo foi um O que compreendeu o imenso, assim o O dos desejos da Senhora na Expectação do parto foi outro círculo que compreendeu o Eterno».

É com a primeira missa do parto que começa o

advento do Natal madeirense, advento que já não é ansiedade, mas certeza; não clamor, mas o primeiro jacto da alegria da Festa.

A primeira missa-do-parto na Madeira é o Natal à vista; é a prelibação da Festa. Por isso, nas manhãs frias desse Dezembro pre-natalício, nos coros das Igrejas da nossa terra, já resoam cantos festivos e devotados à Senhora e os altares engalanam-se de verduras e flores, que nem no mais rigoroso inverno falecem à Primavera perene, que é a nossa Ilha. Nalgumas freguesias do campo, os povos acorrem à igreja acompanhados de música—rabeca, harmónica, machete, flauta e castanholas—como se já fosse a noite do Natal.

Ao sair da missa, os fiéis trazem no coração e no rosto uma alegria sem panos, que lhes durará o dia inteiro, e o rapazio cá fora faz saltar bombas inocentes e triptrapes.

E que mais se faz nesse advento do Natal madeirense?

Prepara-se a Festa—termo este que lá, como no Minho, significa o tempo do Natal. Festas há muitas, mas a *Festa* é uma só—a do Natal. Prepara-se a Festa; alinda-se a casa, lavam-se e engomam-se as roupas, refaz-se a arca, prepara-se a amassadura, compram-se os condimentos para a carne de vinho e alhos, cozem-se os bolos de mel, redobram-se as rações do porco e das galinhas, que para o grande dia querem-se gordos e anafados, compram-se os presentes, com que o Menino Jesus há-de contemplar os miudos da família, e prepara-se o presépio, mais conhecido pelo nome de «lapinha».

Vai-se, então, ao sotão, a ver em que estado está o esqueleto da lapinha do ano anterior—se precisa dumas achegas de papelão ou de madeira. Sacode-se do pó toda a população das lapinhas dos outros anos—o vilão de barrete d'orelhas e a viloa de capinha de riscas encarnadas, os músicos de retesadas bochechas a soprarem instrumentos, os bombeiros com escadas às costas, as enfermeiras de bata branca e cruz vermelha na braçadeira, as lavadeiras de joelhos, debruçadas sobre a água espelhante da ribeira, os meninos-do-coro de batina vermelha e roquete branco de renda, o padre e o sacristão, o polícia de ousados bigodes, o soldado de barreta com o número do regimento, o marinheiro de farda azul debruada de branco. Depois, os moinhos com as velas, as serrações de madeira, os carrinhos do Monte a descerem, as casas de palha, o porco e a vaca, a bananeira de folha larga e cacho a sair, a cana de açúcar de folhagem verde-sujo... Verificadas as baixas, toca a repôr o activo sem demora.

Não pode esquecer o alegra-campo, que há-de fazer de docel à lapinha, e as cabrinhas que hão-de pender nas extremidades da mesa, onde ela vai assentar. Agora a gruta. Cuidado!

Há que ver se precisam renovadas as tintas. É necessário que sobressaia a imagem do Menino com o bracinho levantado e a de São José de barbas brancas e vara florida na dextra e a da Virgem e mais a dos Senhores Reis Magos, de ricos trajes vistosos, e ainda a dos animais, que coitadinhos, hão-de com o seu bafo aquecer o Menino, em tão fria noite.

Para a última hora reservam-se as frutas: as laranjas vermelhas, os peros de cor beije e verde, as bananas ouro-velho, as nozes e as castanhas. Que linda que a lapinha vai ficar! Que sinfonia de cores e de formas! Como todas elas se vão casar bem, sob o olhar de comando do outro Menino. Aquele que preside à lapinha, lá em riba, de coroa de prata na sagrada cabeça e o mundo redondo na mão e uma cruz no cimo do mundo, a ver se ele toma juizo! Como as cores se vão casar bem; assim se casassem as ideias e os sentimentos dos homens!

E agora, com a electricidade produzida pelas águas puras das nossas serras! A sinfonia das cores vai unir-se a dos movimentos. Uma simples ligação porá a mexer a serração de madeira e as velas dos moinhos e acenderá, dum golpe, luzes vermelhas, azuis e amarelas à volta da lapinha, que vai, então, parecer uma cidadela em festa. Que linda que vai ficar a lapinha!

No presépio madeirense há um pormenor que talvez não seja apenas de carácter ornamental. São as searas—pires ou taças com gramíneas ou leguminosas, que vão grelar ao contacto do ar e da água, durante este feliz advento, e que no dia do nascimento do Menino, hão-de estar crescidas e verdes.

Era neste mês de Dezembro que os povos pagãos celebravam as *feriae sementinae*, as sementeiras de Dezembro. A Igreja também aproveita esta época de sementeira, para ministrar as Ordens sacras aos seus ministros; e é a maneira mais própria de fazer sementeira—esta de preparar os semeadores.

As searas das lapinhas madeirenses, na beleza ingénua das suas folhas verdes, não fixarão a consagração pagã do amor à terra? Penso que sim,

embora qualquer conclusão científica sobre o assunto, requeira um estudo comparativo.

E a verdade histórica da lapinha?

Que paridade pode haver entre a lapinha que se vai compor e o estábulo de Belém, onde o Menino Deus nasceu? Como se tolera tão grande incongruência, que chega nalgumas lapinhas, à presença de locomotivas a vapor e da luz eléctrica?

Que importa a verdade histórica da lapinha? Almeida Garrett, no estudo, em que apresentou o «Frei Luís de Sousa», estabeleceu o princípio da distinção entre a verdade histórica e a verdade artística.

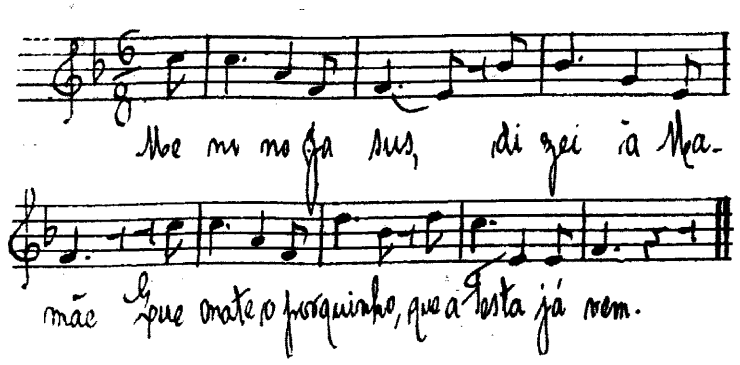
Na construção da lapinha, temos que atender a uma outra verdade: a verdade do sentimento. O Menino Jesus nasceu em Belém, há mil novecentos e cinquenta e sete anos; mas também nasce em cada um de nós a toda a hora, sempre que o nosso coração requeira tal nascimento. Belém está dentro de nós. A lapinha que construimos tem por engenheiro as nossas mãos; mas por arquitecto a nossa alma.

S. Francisco d'Assis, quando em 1223, armou o presépio no bosque de Greccio, em Itália, ao ar livre, tendo como fundo árvores gigantescas, longínquas montanhas alterosas, talvez penedias que porfiavam as nuvens, não pensou na Belém da Palestina; pensou na grandeza do mistério da Encarnação. A grandeza do cenário, não podendo medir a do mistério, media, ao menos, a do seu coração.

Por isso o presépio madeirense, a nossa lapinha, pejada de anacronismos, mas acidentada, polícroma, alegre, viva, rica de verdura, farta de frutos, está certa; traduz a beleza da nossa terra e a alma da nossa gente.

Antes de deixar o advento do nosso Natal, quero dar conta de uma canção, própria da época, por mim recolhida, na vila de Câmara de Lobos. É a seguinte redondilha, a que podemos por o nome de «Dizei à Mamãe»:

Menino Jesus,
dizei à Mamãe
que mate o porquinho,
que a Festa já vem.



A letra é duma ingenuidade tal, que não deixa possíveis dúvidas sobre a sua origem popular; e a melodia, no seu jeito balanceado, traduz a felicidade interior de quem a concebeu e de quem a entoa. Peço a vossa atenção para o seguinte: Todas as canções do Natal são construidas em tom maior, mesmo aquelas cujo conjunto dê a impressão de tristeza ou saudade. Ao contrário do que sucede no Continente. As cantigas que ilustram o presente trabalho foram da minha recolha pessoal, entre os anos de 1915 e 1920.

Findo o advento, segue-se a noite do Natal, com a missa-do-galo ou da meia noite e mais outras duas: a da madrugada, que o povo denomina a *missa-dos-pastores*, e a da manhã.

Interessa principalmente falar da missa-do-galo, que, na igreja da maior parte das freguesias rurais da ilha, se realiza de modo a merecer a atenção de toda a gente culta. E dentro de pouco, vamos ver porquê.

Já noite cerrada, rapazes e raparigas, homens e mulheres, indiferentemente, dos vários bairros da freguesia, organizam-se em rancho, vestem-se de «pastores» (bota chão, fato de serguilha, barrete de cauda ou de orelhas) e arranjam uma oferta, em geral, galinhas, ovos, cordeiros, frutas, hortaliças, vinho, e vão assim carregados para o adro da Igreja.

Pelas 11 e meia da noite, os demais fiéis vão enchendo o templo, deixando livre o centro, por onde oportunamente eles hão de passar.

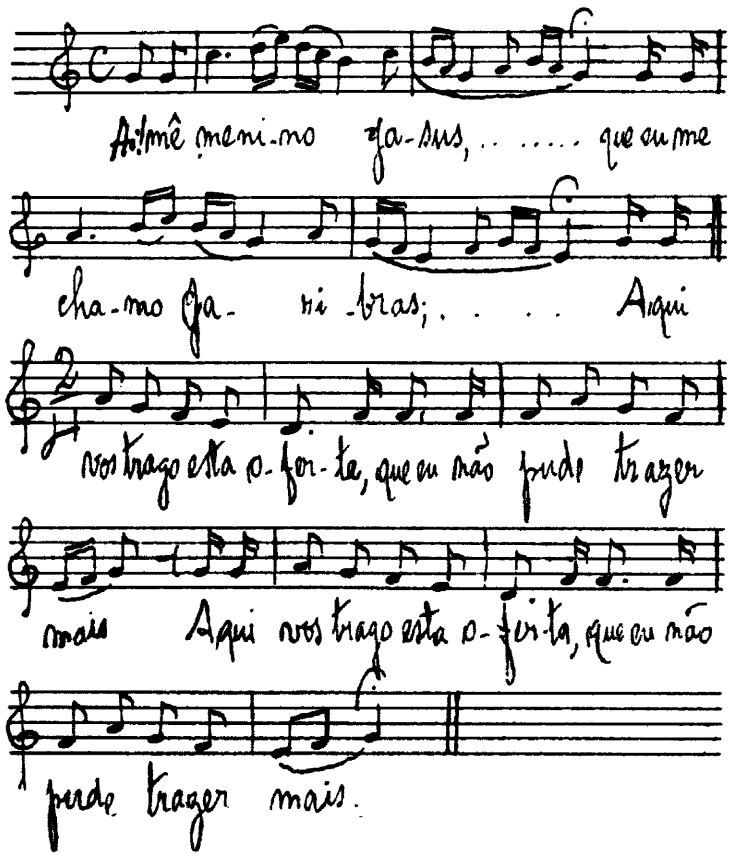
Antes de começar a missa, fechou-se a porta principal da Igreja, a fim de que os fiéis assistentes não se distraiam com a organização da «visita dos pastores», cá fora.

Quando o celebrante «levanta» o Glória, toca, então, de abrir-se a porta; mas a entrada do rancho só começa, quando, rezado ou cantado o Glória, o Celebrante já está sentado no lado da Epístola. Em geral, a entrada realiza-se com ordem: vai cada um, por sua vez, avançando pelo centro do templo, com a sua oferta à cabeça, ao ombro ou pela mão, conforme o caso. Chegado ao centro do templo, o pastor ou a pastora bota a sua cantiga, uma quadra musicada—às vezes mais; depois, vai depor a oferta, onde prèviamente lhe foi indicado; na sacristia ou no transepto.

Nas paróquias pobres é esta uma das maneiras práticas de ajudar econòmicamente o padre, que depois vai transformar a maior parte das ofertas em dinheiro.

Vamos já ouvir essas cantigas. A 1.ª poderá chamar-se «O Jaribrás» corrutela de «Gil Brás».

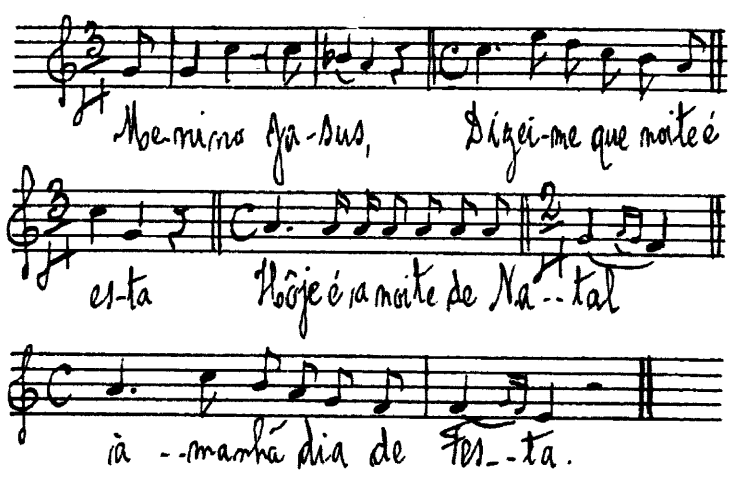
O meu menino Jesus,
que eu me chamo Jaribrás;
Aqui vos trago esta oferta,
que não pude trazer más.



Atentem no adágio da melodia dos dois primeiros versos e no contraste do alegro dos dois últimos. É característica de muitos cantares madeirenses, a sucessão desses dois andamentos. A melodia, no adágio, desenvolve-se em estilo grave, sem deixar de ser gracioso, enquanto nos compassos do alegro, requer o rasgado dos machetes dos bailos e das romarias.

A 2.ª poderá chamar-se «Que noite é esta». A letra é a seguinte redondilha mixta:

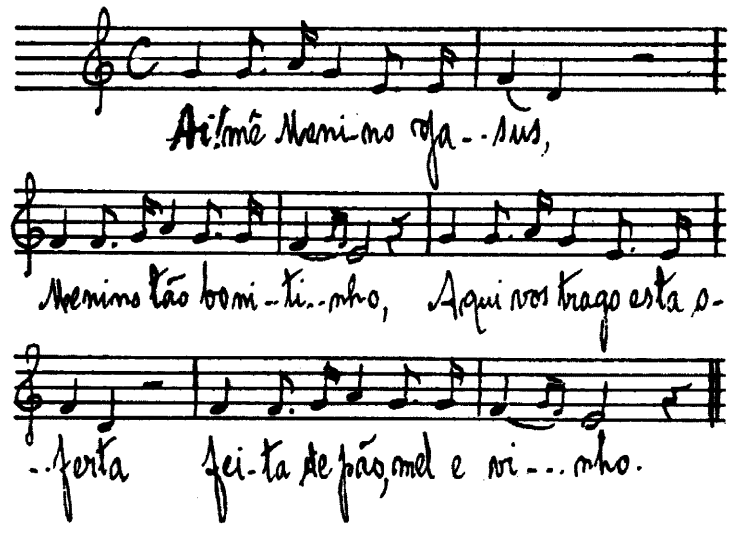
—Menino Jesus
dizei-me que noite é esta.
Esta é a noite de Natal;
amanhã, dia de Festa.



Reparem no jeito da pergunta, que a melodia assume nos dois primeiros versos, e no ar de resposta nos dois últimos; e digam-me se já encontraram desenho melódico que traduza com mais realismo, do que esta, a entoação interrogativa.

À 3.ª poderá pôr-se o nome de «A Cantiga do Pão, Mel e Vinho». É muito cantada, principalmente nas freguesias do Norte. É pobre a letra e não é rica a melodia: mas, quer uma quer outras, ambas traduzem o estilo simples dos povos daquela região.

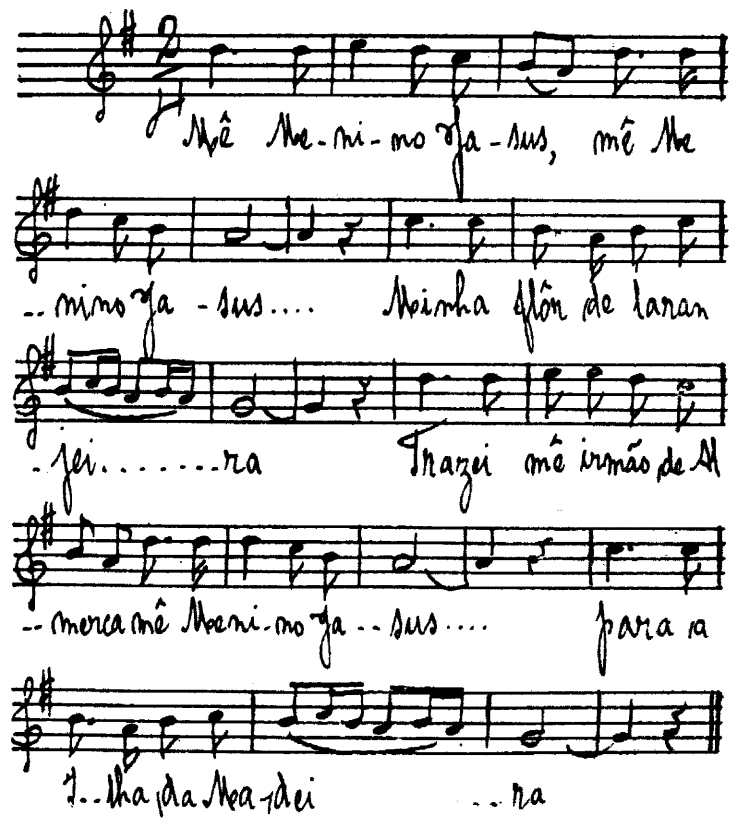
Ó meu Menino Jesus,
Menino tão bonitinho,
aqui vos trago esta oferta
feita de pão, mel e vinho.



Para a 4.ª cantiga, peço atenção muito especial —quer para a letra, quer para a melodia. Poderá ficar conhecida por «Flor de Laranjeira».

A letra é a seguinte:

Meu Menino Jesus,
meu Menino Jesus,
minha flor de laranjeira,
trazei meu irmão de Almerca,
meu Menino Jesus,
para a Ilha da Madeira.



Esta quadra é um voto, um pedido. Em nenhuma época do ano, como nesta as saudades dos ausentes se fazem sentir, e a reunião de todos os membros da família se impõe mais a todos os corações. E nenhuma terra portuguesa tem tantos corações ausentes como a nossa Ilha. A Madeira é uma pequena Metrópole, com colónias nas cinco partes do mundo. No substrato dessa quadra sente-se todo o drama insular; a luta entre o espaço e a proliferação e a fatalidade do êxodo. Reparem no desenho da melodia: É um grito lancinante de saudade. A rapariga, a quem ouvi, na Igreja da Madalena do Mar, quase a cantava em ritmo livre. Reparem no alongamento dos sinais de cada uma das frases melódicas a coincidir com as finais de cada um dos versos; e digam-me se já ouviram coisa mais linda. No entanto, repare-se no vigor da sua construção, marcada, logo de início, pelo *mi* e *si* naturais.

Acabada a visita dos pastores, a missa-do-galo continua sem mais novidade, até ao fim; e, acabada ela, toca para casa, onde nos espera a canja e um cálice de vinho licoroso, que lá não há outro (a não ser o jaqué, no Norte) em vez do bacalhau com couves das nossas Beiras.

Nalgumas igrejas, porém, entre a missa-do-galo e a dos «pastores» ou entre esta e a da manhã, procede-se à «pensação» do Menino — em geral, a cargo dum grupo de raparigas, que para o efeito tomam o nome de «pastoras». Estas, sentadas ou de joelhos, rodeiam o presépio e, com todo o respeito e devoção, vão soltando quadras alusivas aos sofrimentos do Recem-nascido, resultantes da carência de roupas e do frio da noite. Às vezes levam consigo bacia de mão, toalha e sabonete, como se houvessem de prestar os cuidados adequados à circunstância. As estrofes são quase sempre repassadas de espírito maternal, de muita ternura; e, de mistura com elas, ouvem-se outras de carácter mais transcendente, referentes à ingratidão dos homens, à missão divina do Menino, aos seus futuros sofrimentos na cruz. É uma cerimónia de profundo significado humano e cristão.

Eu disse, ainda há pouco, que a missa-do-galo do Natal madeirense não podia deixar de interessar a gente culta. E porquê? Entra agora em cena o nosso Gil Vicente.

Como todos sabem, o teatro português nasceu na noite de 7 para oito de Junho de 1502, com a representação, por Mestre Gil, do «Auto da Visitação», da sua autoria, na alcova da rainha D. Maria, mulher do rei D. Manuel, no Paço de Alcáçova, por ocasião do nascimento do príncipe, que havia de ser mais tarde o rei D. João III. Destinava-se a representação a distrair a puérpera, mas foi tal o alvoroço de alegria que a novidade teatral despertou na corte, que logo a «rainha velha» D. Leonor, viuva de D. João II, pediu a Gil Vicente que a repetisse pelas matinas do Natal, isto é, seis meses depois.

O Poeta, porém, ou porque quizesse dar provas da fertilidade do seu estro, ou porque lhe repugnasse celebrar o nascimento do Filho de Deus com o mesmo material com que homenageara o nascimento dum simples homem, embora do mais nobre sangue, compôs então o «Auto Pastoril Castelhano» que, efectivamente foi representado no mesmo Paço de Alcáçova, no dia de Natal do mesmo ano.

Ora, sucede que a segunda e última parte do referido auto é, *mutatis mutandis,* a descrição do Natal nas igrejas rurais da Ilha.

Os pastores, depois de conversa vária, vão-se «encostar». Depois de adormecidos, vem o Anjo acordá-los, cantando. O pastor Gil é o primeiro a ouvir a mensagem celeste, que logo se apressa a comunicar aos companheiros:

«Ha pastor!

Que es nacido el Redentor»

Segue-se o diálogo entre os pastores do Auto:

Gil — Zagales, levantar de ahí,
Que grande nueva es venida:
Que es la Virgem parida.
A los ángeles lo oi.
O qué tónica acordada
de tàn fuertes caramillos!

Brás — Cata, que serian grillos.

Gil — Juri á nos
Que eran ángeles de Dios.

Lucas — Y nos aqui levantados
Qué le habemos de hacer?

Gil — Mi fe, vamoslo á ver

Brás — Y ansi despeluzados?

Gil — Pardiez, que es para notar!
Pues el Rey de los señores
Se sirve de los pastores?
Nueva cosa
Es esta, y muy espantosa!

Id vosotros al lugar
Muy priesto, carillos mios,
Y no vamos tan vacios:

Traed algo que le dar
Y el rabel de Juan Javato;
Y la gaita de Pravillos,
Y todos los caramilos
Que hay en el hato;
Y para el niño un sibato,

Depois deste diálogo, os pastores partem-se todos para o presépio cantando:

Aburremos la majada.
Y todos con devocion
Vamos ver aquel garzon.

Veremos aquel niñito
De agora recien nacido.
Asmo que es le prometido
Nuestro Mesias bendito.
Cantemos a voz en gritto.
Con hemencia y devocion,
Veremos aquel garzon.

Como acabamos de ver os pastores de Gil Vicente vão visitar o Divino Recém-nascido; mas não querem ir de mãos vazias. O pastor Gil avisa os parceiros que tragam «algo que se dar» isto é «os presentes» e mais a rebeca de João Gravato e a gaita de Pravilhos; e tragam todos os instrumentos (todos los caramillos) que encontrem lá pelo povo; principalmente, que não se esqueçam de um assobio para o «menino».

Também os pastores madeirenses, quando vão visitar o «Menino», na missa-do-galo da sua igreja, e lhes levam «algo que le dar» marcham ao toque de machetes, violas de arame e braguinhas, além de rebeca e de gaita. Os acordes desta orquestra virgiliana acompanham as loas, com que as bocas alegres e claras das raparigas vão perfumando os caminhos, até que todos cheguem ao adro da Igreja, ponto de reunião.

No Auto de Visitação, em honra do nascimento do futuro rei D. João III, os presentes do recem-nascido foram em parte definidos (ovos, leite, queijadas, queijos e mel) e em parte indefinidos: «lo que hau podido» trazer os trinta companheiros de Gil Vicente pastor, «porquerizos e vaqueros» No Auto Pastoril Castelhano, não se definem os presentes, porque? Porque os pastores foram acompanhados de surpresa pela anunciação do Anjo:

Zagales levantar de ahi,
Que granden nueva es venida:
Que es la Virgem parida,
a los angeles lo oí.

E, então, não havia tempo para mais: «Traed algo que le dar» — trazei o que puderdes, seja o que for.

A semelhança entre o auto e o Natal madeirense, transparente, até aqui, continua a ser flagrante na pensação do Menino.

Chegados ao presépio, falam os pastores:

Gil — Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos acá
Muy alegres, soncas ha,
De vuestra nuebla vitoria.
A vos, Virgem, digo yo,
Que el muchacho qae hoy nasció
No entiende que me entiende
Mas si que todo comprehende,
Del punto que se engendró,

Lucas — Que casa tan pobrecita
Escogió para nacer!

Brás — Ya comienza á parecer
Dende su niñez bendita,

Silvestre — De paja es su camacita

Lucas — Y un establo su posada

Brás — Loada sea y adorada
Y bendita
La su clemencia infinita.

Gil — Señora, con estes hielos
El ñino se está temblando.
De frio veo llorando
El criador de los ciclos,
Por falta de panizuelos.
Juri á san si tal pensára,
Ó por dicha tal supiera,
Un zamarro le trujera
De uma vara,
Que ahotas que el calára.
Ora vosotros qué hacei?
Con muy chapada nemencia,
Y con vuestra reverencia,
Dalde de eso que traeis.

Silvestre — Perdonad, senor, por Dios
Que, como somos bestiales,
Los presentes no son tales,
Como los mereceis vos.

Repare-se nos seguintes pormenores

a) a extrema pobreza do local, onde Jesus nasceu. Diz o pastor Lucas:

«Que casa tão pobrezinha
escolheu para nascer!
E é um estábulo a sua pousada».

b) a extrema pobreza da cama. Diz o pastor Silvestre:

«De palha é a sua caminha»

c) O gelo e o frio da noite e a falta de roupa, que fazem o Menino chorar. Diz o pastor Gil:

Senhora com estes gelos,
O Menino está tremendo.
De frio está chorando
o criador dos céus,
Por falta de roupa.
Oh, por Deus, se eu advinhara,
Teria trazido uma camarra
do cumprimento d'uma vara;
E com certeza o Menino se calara.

d) A atitude de adoração dos pastores. Diz Brás:

Louvada seja e adorada
e bendita
a sua clemência infinita.

e) O sentimento da humildade perante o Deus-Menino: «Nós pouco mais somos que animais; por isso, os presentes que trazemos, não são os que mereceis».

Aqui o pastor Gil já define como «presentes» o que trouxeram no sua visita ao Recem-nascido.

A carência do Menino-Deus é total; por isso, o pastor Gil, depois de lamentar-se de não ter trazido uma çamarra para aquece-lo, volta-se para os outros pastores e com «mui chapada vehemencia» lhes ordena: «dá-lhes de isso que trazeis».

Agora cotejai estes versos da pensação do auto com os que ainda hoje as pastoras cantam na «pensação» da missa-do-galo madeirense:

Águas puras cristalinas
correm direitas ao mar,
Vou lavar as minhas mãos,
para no meu Deus tocar.

Águas puras cristalinas
conservam pouca quintura,
Como tocar vosso corpo,
que tem toda a formosura?

Dai-me aquela bacia,
também o jarro de prata,
para lavar o meu Deus,
que por nós até se mata.

Pretendo de vos lavar
nas águas desta bacia,
já que a vossa humanidade
acertou noite tão fria.

Esta pobre camisinha
vos visto com alegria,
já qu'a vossa humanidade
teve uma noite tão fria.

Esta touquinha também
na cabeça vos vou pôr.
Andai descançar agora,
Meu Menino, meu Amor.

Ligar-vos também pretendo
com este laço de fita.
Que eu viva unida convosco;
o vosso amor o permita.

À serra foste nascer
entre brutos e pastores,
podendo ser na cidade,
entre bispos e doutores.

Nascestes com vento norte,
com tanta rigosidade,
lá em cima nessa serra,
podendo ser na cidade.

Vinde a estes pobres braços,
ao meu peito encostado
qu'eu quero das pobres palhas
por um pouco aliviar-vos.

Como verificais, os sentimentos de compaixão, pelas condições do nascimento, e de adoração, tanto pela divina origem de Jesus-Menino, como pela sua missão no mundo, são os mesmos nuns e noutros.

Julgo que estamos agora habilitados a estabelecer as relações que ligam o Natal madeirense a essa joia literária de Gil Vicente, que é o «Auto Pastoril Castelhano».

A Madeira foi descoberta em 1419, a data mais aceite. A colonização fez-se logo e com o maior afan: O Infante tinha necessidade do açúcar que ela havia de produzir, para começar a bater o poderio comercial dos árabes na Europa.

Gentes do Minho, das Beiras e do Algarve abalaram para o povoamento da Ilha e levaram consigo a língua e os costumes do continente português da primeira metade desse glorioso século XV. De resto, fenómeno comum a todos os grandes movimentos migratórios: da antiga Roma para o resto da Europa, de Inglaterra para a América do Norte, após as perseguições religioso-políticas, da França para o Canadá, da Espanha para algumas das Américas, de Portugal para o Brasil e para as Áfricas.

Ora um dos costumes mais arreigados desses tempos era o da representação, nas igrejas pelo povo, dos Mistérios do Nascimento e da Paixão de Jesus. Estava-se ainda no rescaldo dessa idade-média, em que o povo, na frase de Mendes dos Remédios, concorria às Igrejas, dominado pelo misticis-

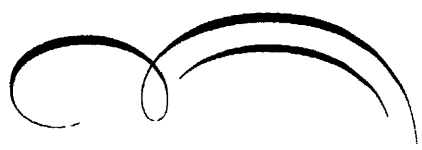
mo, e, na sua ingenuidade assistia, não como mero expectador, frio e impassível, mas interessado ao vivo, sentindo ou experimentando as lágrimas e os risos que as representações lhe despertavam».

Tais representações decorriam naturalmente, perante a crença sincera do povo: não eram perturbadas pelo sarcasmo irreverente do Renascimento, ainda, então, quase a um século de distância. Com a nova idade, as coisas mudaram: os costumes e as ideias. A celebração dos mistérios divinos eram objecto de troça por parte das gentes das cidades e das vilas; a sensibilidade religiosa embotara-se-lhes. Basta ler Gil Vicente, a partir de 1517.

No entanto, a tradição de representação popular dos mistérios nas igrejas tinha tal força que, tendo resistido à proibição das constituições dos Bispados no século XVI, entrou no século XVII dentro, e muito dentro, como vemos no P.e Manuel Bernardes, que é do último quartel do século.

Quer isto dizer: A representação do Mistério do Nascimento de Jesus, sendo ainda costume popular corrente em Portugal no decurso do século XVII, era-o com mais forte razão no século XV, ainda idade-média; por isso, não podia deixar de ser levado para a Ilha da Madeira, pelos portugueses que a foram povoar e colonizar, no primeiro quartel que seguiu ao descobrimento (1419-1444). E levado, tal como aqui se representava: na ingenuidade primitiva, de que damos conta no Auto Pastoril Castelhano.

Acresce que: Quem conheça a obra teatral de Gil Vicente, sabe que nela o poeta fixou os costumes do seu tempo, ainda hoje vivos pela vasta galeria de figuras que ele criou nos autos e nas farsas; e nada há que nos leve a admitir que o «Auto Pastoril Castelhano», representado da noite de 25 de Dezembro de 1502, no Paço de Alcaçova houvesse de fazer excepção. Seria contra o espírito de toda a obra vicentina, julgar o auto como criação abstrata do Poeta, em vez de obra inspirada na realidade viva do povo, como são todas as outras suas congéneras.

Somos deste modo, levados a concluir que o Natal madeirense, com a «visita dos pastores» realizada na missa-do-galo e com a «pensação» do Menino feita entre a referida missa e a dos «Pastores» ou seja a segunda missa da noite de Natal, é fundamentalmente, o Natal português dos aureos tempos da descoberta e do povoamento. Já Teófilo Braga havia notado que era nas Ilhas, em virtude do seu isolamento, que se encontravam ainda intactas a maior das tradições de Portugal de antanho.

Se nos lembrarmos que a Sé do Funchal guarda no seu Tesouro, oferta do rei D. Manuel I, uma cruz processional do valor da custódia de Belém, trabalhada pelas mãos de Gil Vicente, ourives e mestre da balança, sentimos satisfação em verificar que o povo da Ilha, de certo modo, retribui a Gil Vicente, poeta, representando todos os anos, na noite maior do ano, um dos seus autos mais notáveis.